

MURMÚRIOS EPISTOLARES DE UM PROFESSORAR QUE ENSINA CIÊNCIAS EM TEMPOS DE COVID-19

EPISTOLOGRAPHY AND PANDEMIC: HOW DOES A AMAZONIC SCHOLAR SURVIVE CORONAVIRUS

MURMULLOS EPISTOLARES DE UN PROFESAR EN COVID-19

Caroline Barroncas de Oliveira *

Mônica Silva Aikawa **

Mônica de Oliveira Costa ***

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo problematizar os primeiros acontecimentos da pandemia de COVID-19, bem como seus desdobramentos na vida e no professorar. O corpus é formado por e-mails que aproximam, desabafam, denunciam, reivindicam, defendem e amenizam. Em vias teórico-metodológicas, este trabalho transita nas fronteiras dos estudos pós-críticos, baseado sobretudo no pensamento de Foucault acerca do cuidado de si e da escrita de si por correspondência. Nesse sentido, a correspondência transmuta-se em presença e torna-se caminho de reencontro não apenas conosco em deriva docente, mas também com pares, a um tempo, próximos e diversos. O conjunto epistolar formou-se de murmúrios do cotidiano pandêmico, da relação intrafamiliar e do trabalho remoto. No espaço da narrativa, buscou-se enxergar a escrita como processo de subjetivação e de prática de si com vistas de modo a colocar o sujeito em seu espaço de liberdade e de resistência aos poderes disciplinares e biopolíticos da sociedade moderna.

Palavras-chave: Docência. Ensino superior. Pesquisa (auto)biográfica. Educação em Ciências.

ABSTRACT

This essay investigates the early COVID-19 pandemic and its repercussion upon the academic teaching. Our corpus is composed by emails representing pandemic murmurs, family relationships, and remote works. In so doing, we endeavor to approach one another, report injustice, demand political agendas, expose our ideas, and mitigate our sufferings in order to create a new teaching to represent ourselves as individuals and community. For the messages transform itself into presence and company as well as our

* Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Rede Amazônica em Educação em Ciências e Matemática/ REAMEC - UFMT; UFPA E UEA (2020). Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas. Professora (Escola Normal Superior - Pedagogia - UEA), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: cboliveira@uea.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8430-2855>

** Mestre em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA (2014). Professora titular e Pesquisadora da UEA. Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: maikawa@uea.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4695-9762>

***Doutora em Educação em Ciências Matemática pela REAMEC - UFMT (2017). Professora/Pesquisadora na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: mdcosta@uea.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3771-3955>



undirected teaching set a connection among students of different backgrounds. Therefore, our methodology is mainly based upon Michael Foucault's concepts such as the Care of the self and the Self Writing as well as other post-critical authors. Accordingly, our discussion aims to interpret the writing as a subjectification process and a practice of the self in search of freedom and strength in a contemporary world.

Keywords: Teaching. Higher education. Autobiographical research. Science Education.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo problematizar los primeros sucesos de la pandemia de Covid-19 y sus desdoblamientos en la vida y en el profesorado, a partir del intercambio de cartas electrónicas, en el intento de reducir distancias, desahogar, reportar, reclamar, defender o aliviar las nostalgias. En vías teórico-metodológicas este trabajo transita en los límites de las investigaciones poscríticas, basados en el pensamiento de Foucault sobre el cuidado tanto de sí mismo y de la escritura. La correspondencia se transmutó en esa presencia, se ha convertido en nuestra manera de reencontrarnos con nosotros, con nuestra enseñanza a la deriva, realidades cercanas y tan diversas, tomando en consideración nuestras posiciones y territorios para allá del aula universitaria. Hemos ido formando nuestro paquete epistolar con murmullos de nuestros días en la pandemia, de nuestra relación intrafamiliar, de las organizaciones de este trabajo remoto con los convivientes y acuñando un proceso (auto)formativo particular-colectivo de nuestro profesar en la pandemia. Es en el espacio de la narrativa que buscamos ver la escrita como proceso de subjetivación y de práctica de sí que permita a dicho sujeto a encontrar su espacio de libertad, resistiendo a los poderes disciplinarios y biopolíticos de la sociedad moderna.

Palabras clave: Enseñanza. Enseñanza superior. Búsqueda (auto)biográfica. Enseñanza de las ciencias.

1 MURMÚRIOS EM CARTAS...

Manaus, tempos de escuridão em pleno verão Amazônico, 2022.

Era final de 2019. Rumores sobre um novo vírus a se espalhar da China para o mundo circulavam pelos jornais e assustavam a todos. Início de 2020. Após o carnaval, o Brasil anuncia que o SARS-CoV-2 já estava entre nós. Fevereiro de 2021, ainda se vive em meio à pandemia de COVID-19.

Após inúmeros momentos vividos e existências ceifadas, ainda restou muito a se aprender. Não há, contudo, mais volta ao que existia antes da pandemia. Desde 2020, o barco esteve à deriva, e, com isso, tivemos de parar, olhar, ouvir, sentir a sensação de estar à deriva.¹ Durante esse tempo, observaram-se inúmeros fenômenos: revolta-se o rio com frequência

¹ Praticar a deriva é perceber o que movimenta a própria vida no instante vivido, a partir dos lugares onde nos vemos e nos colocamos enquanto nos deslocamos pela cidade (VAZ, 2012, p. 09).

(desgoverno à frente do Brasil); amenos, confluem a correnteza e o vento criando uma brisa sentida com mais carinho (encontros conosco e com o outro); une-se o curso das águas às lágrimas da chuva a caírem sobre nossas faces (dores e perdas de entes queridos); no horizonte, enxerga-se o caminho para seguirmos em frente (ensino remoto e híbrido: retorno da Universidade do Estado do Amazonas no verão de 2020); no céu, resplandece, majestoso, o sol (conexão com a espiritualidade e movimentos internos de resiliência).² Em meio a tudo isso, um professorar existe e resiste para sobreviver.

É pela existência de um professorar no ensino superior, a despeito do isolamento social e do ensino remoto e híbrido, que se está a navegar. Em um contexto de flagrante descaso com a vida humana, surgem as perguntas: o que esta experiência pode trazer como ensinamento? Como olhar para outros modos de professorar no ensino superior? Como encontrar vias que possam dar existência a um professorar em constante transformação e em consonância com o cuidado de si? Nesse sentido, Chaves (2018, p. 65) questiona:

Tais indagações interessam na medida em que abrem espaços para pensar a formação, aqui particularmente de professores, para além dos processos de reconhecimentos identitários, criando porosidades para formas criativas e novas de (re)inventar a docência como campo de experimentação e não de aplicação de regras e condutas universais.

Em março de 2020, o Congresso Nacional decretou Estado de Calamidade Pública em razão da rápida disseminação do Coronavírus no Brasil. Ocorreu fechamento total ou parcial de escolas e comércios por determinação do poder público para diminuir o contato das pessoas com o vírus. Em paralelo, os noticiários traziam reportagens sobre a suposta eficácia da cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina.

Em meio à tamanha crise de saúde pública mundial, os brasileiros seguiam com muitas incertezas sobre a doença, não se sabia muito acerca dos seus modos de transmissão tampouco dos cuidados para prevenção. Num cenário de tantas dúvidas, reconhecia-se apenas o seu alto grau de transmissão e letalidade. novas palavras passaram a fazer parte do cotidiano,

² O ensino remoto pode ser feito por meio do modelo síncrono (em tempo real) ou assíncrono (não é em tempo real), pois há recursos que funcionam também como o modelo EaD, que é o da gravação e disponibilização da aula, caso o aluno, naquele momento, não possa assistir. Já o ensino híbrido é uma ferramenta das metodologias ativas com apoio de instrumento tecnológico, segue numa abordagem pedagógica entrelaçando atividades presenciais e outras realizadas por tecnologias de informação e comunicação (doravante “TICs”) (BARBOSA *et al.*, 2000, p. 263).



tais como “álcool setenta por cento”, “máscara”, “PCR”,³ *delivery*, *drive-through*, trabalho remoto, chamadas de vídeo, grupos de *WhatsApp*. Em resumo, o mundo inteiro ainda se encontrava em busca de um tratamento médico eficaz para a doença e à procura de novas alternativas para a vida e para o trabalho.

As autoridades empreenderam regular questões educacionais remotas e emergenciais por meio de decretos, resoluções, pareceres e portarias. O objetivo era adaptar a educação pública ao “novo normal”. Contudo, em janeiro de 2021, conforme alertado pelos noticiários, surgiu uma segunda onda de contaminação por COVID-19 nas Américas, muito influenciada pela variante Zeta do vírus, com um índice ainda maior de transmissibilidade. Essa variante, somada ao sucateamento das unidades de saúde públicas, ocasionou um verdadeiro colapso do Sistema Único de Saúde no Amazonas. Nesse período, o cidadão viu aumento de contaminações, superlotação de hospitais, insuficiência de unidades de tratamento intensivo, escassez de oxigênio, crescimento no índice de mortes. Navega-se a esmo e sofria-se bastante com essa tempestade.

Até o início de fevereiro (2021), Manaus somou 350.352 suspeitas notificados, 126.396 casos confirmados e 6.119 óbitos atribuídos ao coronavírus (AMAZONAS, 2021). Diante desse cenário, Santos (2020, p. 09) oferece uma reflexão: o invisível todo-poderoso tanto pode ser infinitamente grande (o deus das religiões) como o infinitamente pequeno (o vírus)”.

A chegada da vacina, ao Brasil, em janeiro de 2021, deu novas esperanças ao país. Contudo, cabe ainda lembrar que, mesmo com aulas presenciais suspensas desde março de 2019 em todo o território, o trabalho do professor jamais esteve tão requisitado. Em tal contexto, o que nós, professoras, fizemos para o futuro? Como faríamos? O que sentiríamos? Como nos veríamos? O que projetaríamos nessa situação pandêmica? O que projetaríamos para nossa vida? Como conseguiríamos acompanhar todas as nossas turmas? Como cuidar de nossa saúde física, mental, espiritual, social? Qual o sentido da docência em meio a esta colapsada situação? Com todas essas questões palpitando internamente, família e trabalho nunca estiveram tão imbricados.

Em meio a essas indagações, o Parecer n. 5 do Conselho Nacional de Educação, publicado 28 de abril de 2020, flexibilizou as atividades pedagógicas não presenciais por meio

³ Siga médica para *Polymerase Chain Reaction*, que em português significaria, em tradução livre, “reação em cadeira da polimerase”.

TICs como ambientes virtuais de aprendizagem, uso de mídias sociais de longo alcance, aulas on-line síncronas e assíncronas (Brasil, 2020). Daí então, o ensino se desenvolveu com práticas ora por meio do ensino remoto, ora por meio do ensino híbrido, com aulas síncronas assíncronas, disponibilização de material em nuvem, de modo a confundir-se, por vezes, com a chamada educação a distância (doravante EaD). Com isso, ensino, pesquisa e extensão universitários seguiriam, assim como seguiram, o ritmo ditado pela pandemia, isto é, na busca pelo equilíbrio entre valorização da vida e a organização de “propostas de garantia dos direitos e objetivos de aprendizagem”.

Grande aliada nesse processo, a tecnologia então torna-se a ferramenta a que tanto ansiamos e de que tanto necessitamos para a solução de problemas, seja de ordem profissional, sentimental e/ou familiar (Barbosa, Viegas, Batista, 2020, p. 257). O desafio imposto pela nova realidade fez com que as universidades se sobressaíssem na produção científica de todas as áreas, principalmente, na área de medicina e saúde, com estudos acerca do novo vírus. Ampliada a extensão universitária, as universidades mobilizaram-se na produção de máscaras, protetores faciais, álcool em gel, cartilhas, informativos e vídeos sobre o coronavírus com o fito de divulgar informações à população. Muito se investiu também na criação de tutoriais e manuais para uso de aplicativos de comunicação, edição de fotos, vídeos, bem como na produção e projeção de aulas. O pesquisar vem servindo de luz-guia para essa “Idade das Trevas” contemporânea.

Como se nota, o ano de 2020 foi marcado por um ensino remoto emergencial também no ensino superior, repleto de mudanças na docência. As aulas, com isso, saíram dos portões das universidades para um ambiente virtual e de atendimento a distância para as turmas. A moradia fez-se sala de aula, e a preocupação girou em torno da garantia que o alunado tivesse acesso ao conteúdo. Em tal contexto, o ensino remoto emergencial (doravante ERE) possui a perspectiva temporária de ensino frente à situação pandêmica (Hodges et. al., 2020) e pauta-se em uma gestão educacional de crises que exige dos professores soluções criativas para os problemas à comunidade escolar e acadêmica. Os professores atravessam, em meio à pandemia, “uma abrupta mudança no seu modelo adaptável de ensino e vida” (Barbosa, Viegas, Batista, 2020, p. 258). Inesperadamente, remodelam-se para ensinar, gravar, testar, professorar, gravar, editar, postar e repensar suas ações no cotidiano acadêmico.



Para muitos professores, o uso de computadores, redes sociais, bancos de vídeos, plataformas educacionais, armazenamentos em nuvem e ambientes virtuais de aprendizagem foram desvendados no decorrer da caminhada do ERE. De súbito, os profissionais da educação enfrentaram várias mudanças, de modo que muitos dos deles tiveram que conjugar tarefas domésticas, maternidade, cuidados de familiares e ensino remoto. Suas condições de trabalho foram, portanto, drasticamente modificadas e precarizadas (Santos *et al.*, 2020). Tornaram-se comuns encontros por aplicativos de reunião *on-line*, envio e recebimento de atividades por *e-mail*, ambientes virtuais de aprendizagem e tira-dúvidas por aplicativos de mensagem. Planos de estudos, impressão de material para acadêmicos sem acesso à internet, editais de auxílio e viabilização de *chips* e celulares, tudo isso para proporcionar acesso e comunicação com os discentes.

Professores não raro se viram confundidos com *bloggers*, *youtubers* e *digital influencers*, enquanto sua carga de trabalho se elevava exponencialmente. Ao passo que o ERE tenta trazer ares de normalidade a esse momento anormal, os professores buscaram, a todo custo, realizar o trabalho pedagógico, além de se ocuparam com os afazeres administrativos da universidade (SANTOS *et al.*, 2020). O ensino superior remoto emergencial fez com se pensasse uma docência em consonância com a vida, com a saúde, com a humanidade e com subjetividade.

Tempos depois, o Conselho Nacional de Educação publicou a Resolução n. 2 de 10 dezembro de 2020 para definir as diretrizes nacionais de orientação dos sistemas de ensino. O dispositivo ressalta a autonomia das instituições de ensino superior na definição de seus calendários desde que observadas as Diretrizes Curriculares Nacionais (doravante DCNs) e ainda dispensa o cumprimento de dias letivos mantendo a carga horária prevista (BRASIL, 2020). Essa resolução, de certo modo, regulamenta as ações pedagógicas do calendário acadêmico 2019 e ajuda a repensar o de 2021.

Essa invenção de um processo formativo frente às situações impostas pelo COVID-19 remete-nos à nossa docência superior em tempos de pandemia, uma autêntica embarcação escolhida para navegar por entre os descaminhos. Dessa forma, temos como objetivo geral problematizar os primeiros acontecimentos da pandemia de coronavírus e seus desdobramentos na vida e no ensino, a partir uma troca de *e-mails*, na tentativa de aproximar, desabafar, denunciar, reivindicar, defender ou amenizar.

É que, para Foucault (2004), as cartas possuem uma simbologia especial na escrita de si, pois elucidam o estar presente, o estar próximo, o estar junto de remetente e destinatário. A carta torna o escritor “presente” para aquele a quem envia; nesse sentido, escrever é, portanto, “mostrar-se”, expor-se, fazer-se aparecer seu próprio rosto perto do outro” (Foucault, 2004, p. 156). Por isso, não é fora de lugar reivindicar a presença de cartas em tempos de distanciamento social e em outros tempos.

A correspondência transmutou-se nessa presença e veículo de reencontro conosco, em situação de deriva docente, e com pares vindos de realidades próximas, contudo, ao mesmo tempo, tão diversas dadas as posições e territórios igualmente diversos para além da sala de aula. Decidiu-se, então, estabelecer um conjunto epistolar para compartilhar os cotidianos pandêmicos, as relações familiares, as mazelas do trabalho remoto e os afazeres da vida, da mulher, da mãe, da professora, da tutora de animais *etc.* Essa iniciativa auxiliaria em um processo (auto)formativo particular e coletivo para a docência na pandemia.

Desse modo, foi criado um *e-mail* chamado *cartasdoprofessorar@gmail.com* que recebesse as experiências e experimentações de um existir docente em pandemia. Por esse *e-mail*, disparou-se o primeiro convite à escrita sobre a docência acadêmica, seu devir (auto)formativo e as brechas surgidas para a construção de um processo formativo vívido e singular. Nesse sentido, as datas foram mantidas para enfatizar os detalhes próprios de cada época da pandemia, pois entende-se que esse suposto tempo de aproximadamente trinta meses foi preenchido por uma multiplicidade de acontecimentos. O processo ganha vida com as trocas de cartas ora por uma de nós a divulgar seu relato pelo *e-mail* institucional, ora pela resposta do *cartasdoprofessorar@gmail.com*. Dessa forma, constituiu-se um espaço de formação de uma docência acadêmica em pandemia.

O relato epistolar de si mesmo trata de fazer coincidir o olhar do outro com aquele que se lança sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida (Foucault, 2004, p. 162). Nesse sentido, o quanto faz sentido o trabalho com cartas atualmente? Como as cartas existem e persistem? Como elas se mostram em tempos de pandemia e ensino remoto?

O ERE nos aproxima do ciberespaço, “terreno onde está funcionando a humanidade” e a adaptação do gênero carta foi necessária aqui para articulação com o desejo por correspondências (LEVY, 1999, p. 29). Buscou-se apresentar o *e-mail* e carta em suas



similaridades: correio eletrônico, correio postal, endereço eletrônico, endereço de correspondência, mensagem de *e-mail* e conteúdo da carta. Marcuschi (2002) chama atenção para a versatilidade do ambiente virtual e para sua importância nas atividades comunicativas em texto, som e imagem. Enxerga ainda o *e-mail* como gênero textual emergente das tecnologias digitais, bem como o destaca como contraparte atual da carta,

Ambos compõem o gênero epistolar e constituem esse material histórico, essa escrita de si de uma docência em pandemia, (de)compondo traços-trajetos de nosso professorar-navegante à deriva. Em especial, os *e-mails* tornam-se possibilidades pelo seu lugar de transgressão da tradição da escrita, criando “seu próprio domínio de discurso no território da comunicação” (Jonsson, 1997 *apud* Marcuschi, 2002, p. 21). Nas trocas de cartas eletrônicas deixamos um pedaço de nós, um pedaço dessa biografia do professorar, no movimento de escrita de si. E desbravamos uma (re)escrita do professorar, em pandemia, na miudeza de fazer diário da docência universitária, no território da inventividade, do devir, do ser.

2022. Ano de retorno da Universidade do Estado do Amazonas ao ensino presencial. Ao tomar as experiências (auto) formativas do pesquisar e ensinar, buscamos a escrita de cartas como instrumento de (auto)formação de professores e pesquisadores. Não basta a formação acadêmica se nosso processo de atuação investigativa e pedagógica também não convida a encarar para as experiências e desafios próprias do trabalho docente. Um dos maiores desafios do período foi a abertura e a entrega ao desconhecido, ao estranho, ao ponto de nos deparar com questionamentos como “até que ponto nos deixamos efetivamente transformar? Até que ponto aceitamos modificar nossas certezas consoladoras?” (Fischer, 2005, p. 12).

Como consequência, tendo o desejo de ampliar os horizontes de leitura e conceber outras produções e modos de escrever e de ensinar, ocorreu um desnude das docentes, das pesquisadoras e das pessoas, ao explorarem outros caminhos em busca de fissuras (auto)formativas. Nesse sentido, contribui Zani (2018, p. 117):

Escrever cartas é escrever-se. Muito além de simplesmente encurtar distâncias físicas, pode ser a formulação de pensamentos ou a expressão de sentimentos (...) que não puderam ser verbalizados por motivos diversos, como o profundo desejo de ver materializado o abstrato.

Essa escrita de si fala acerca de como fomos e estamos sendo subjetivados. São verbalizações singulares sobre como o corpo docente da Escola Normal Superior foi atravessado por memórias formativas relacionadas à constituição do ser professor(a) na universidade. Tais memórias surgem no seio de questões históricas que nos possibilitaram perceber outros modos de ser e estar na docência e perceber a multiplicidade como eixo formativo.

Fazer uso da escrita de si por meio das cartas narrativas autobiográficas é compreendê-la “como formas de exercícios de si, pois a escrita deixa seu caráter discursivo em segundo plano para tornar-se processo de subjetivação” (Berto, 2019, p. 11). Assim, possuindo Foucault como ponto de partida, propõe-se uma discussão a respeito dos processos de subjetivação para a constituição do sujeito com vistas a uma concepção de escrita como técnica de si que permita aos sujeitos comporem suas subjetividades:

É no ato de narrar-se que o sujeito passa a enxergar a si mesmo como sujeito de verdade. Mas não é qualquer escrita que pode ser considerada com prática de si, e sim a escrita que possibilita a experimentação, como ferramenta para pensar sobre si mesmo e está em consonância com o outro (Berto, 2019, p. 18).

Questiona-se como nos tornamos sujeitos-professores? Diante das subjetivações que compõem as formas de pensar e agir do sujeito professor, como pensar e agir de forma diferente? Quais os nossos espaços de liberdade na constituição de nós mesmos? Como nos constituímos a nós mesmos docentes? “Assim, é no próprio ato de escrever que se encontra sua liberdade, uma escrita ativa. A palavra deixa de designar as coisas do mundo para ter outra função como fundação de outro mundo” (Berto, 2019, p.20).

Aqui emerge um desafio: como, afinal, a docência torna-se uma escrita de si e possibilita um estado de liberdade do sujeito que escreve? É no território das narrativas que a escrita é percebida como um dispositivo onde o sujeito se coloca num processo de experimentação de si, como exercício de autorreflexão a partir do texto narrado. É nesse processo de experimentar o sujeito no cuidado de si que pensamos e sentimos o que se passa na vida de modo que inventamos modos de professorar face ao COVID-19. É nesse inesperado da vida que se abrigam os “germes de futuro, num incessante devir que nos convoca a parar, tatear, sentir, experimentar, pois afirmar a vida em educação implica dar passagem a uma vontade de potência de lançar-se ao incerto” (Dalmaso & Rigue, 2020, p. 37).



A escrita de cartas teve início em janeiro de 2022, período correspondente ao tempo de chuvas no Amazonas (o chamado inverno amazônico). Desde então, esteve-se nesse movimento epistolar até o momento atual com o propósito de narrar acontecimentos decorrentes da docência acadêmica, sobretudo na Universidade do Estado do Amazonas (doravante UEA), em tempos de COVID-19. Levaram-se em conta as diversas posições ocupadas principalmente pelas pesquisadoras (mulher, mãe, professora, pessoa...), as também por outros professores da instituição.⁴

Assim, começaram os murmúrios em um e-mail remetente cartasdoprofessorar@gmail.com que nos convidava a relatar experiências vividas em tempos de pandemia.

2 CARTAS DO PROFESSORAR

Fri, Jan 28, 5:13 PM

From cartasdoprofessorar@gmail.com to maikawa, mdcosta

Olá, professoras,

Como estão? Após março de 2020 – eu ainda estava grávida –, paramos nossas aulas presenciais na Escola Normal Superior e cá estamos no terceiro ano da pandemia de COVID-19 e quarto semestre letivo por ensino remoto. Nesse tempo, meu professorar deu e ainda está dando em um giro de 360°, permeado por atividades de um professorar que materna, que muda de rotina em todas as ocupações do meu ser.

Neste mesmo tempo, iniciamos um ciclo, na roda do grupo VIDAR em In-tensões, com encontros que desmantelam meu professorar pesquisador centrado em marcas conceituais e vive a reflexão do cuidado de si. Quantas desconstruções com Foucault, em nossas terças-feiras, ao olhar o cuidado de si nas entranhas de um professorar no ensino superior em tempos de pandemia. Um professorar que se depara com controles excessivos, com materialidades

⁴ Este foi o principal objetivo do projeto de produtividade 2021-2023, intitulado “DO CAIS À DERIVA: Escritas de um professorar no ensino superior na pandemia de COVID-19”, coordenado pelas autoras e aprovado pela UEA via 086/2021 GR/UEA.

escritas excessivas, com a rigidez e o peso de uma ideia acadêmica construída por uma ciência moderna e uma vida moderna de ser sujeito homem/mulher.

Lembro, durante as pedras carregadas por esse professorar que se sustenta teoricamente por bases positivistas de ser, de escutar uma música do Lenine "Levar suave", que sonoriza "Há de ser leve, um levar suave / Nada que entrave, nossa vida breve / Tudo que me atreve, a seguir de fato, o caminho exato, da delicadeza / E ter a certeza, de viver no afeto / Só viver no afeto".

Um professorar leve, que só quer viver no afeto busca posturas inventivas nos processos de aprender e de ser docente, docenciAR-SE... NOVOS ARES. Para vivermos o percurso, precisamos estar à espreita; para ativas o movimento e permitir desvios. A interrogação nos acompanha; para permitir a parada, o encontro nos auxilia na caminhada de docência(r)-se (Vaz, 2021).

E, assim, caras professoras e mulheres da ciência ou do afeto, ou do que assim desejar para cavarmos atitudes na prática de si, na ocupação de si em que tantos buracos rasos e profundos surgem para que olhemos e vivenciemos um professorar alienígena para o ensino superior.

Com estima e saudades de um encontro presencial e de um café afetuoso na cantina da ENS.

Abraços,

Carol.

Qui, Feb 11, 12:59 PM

From maikawa@uea.edu.br to me, Monica

Oi, Carol!

Estou bem, graças a Deus! Espero que você também... A Cecília veio abrindo novos caminhos e acompanhou esse movimento de aula presencial e remota, pandemia... Juntamente com nossas vidas na universidade.



Você seguindo nessa revirada em sua vida com uma nova vida em seu ventre e hoje em seus braços, no entremear de uma visão de mundo outra, com o positivismo real e ainda com a pandemia. E eu, cheia de expectativas para começar o trabalho na Escola Normal Superior, jamais imaginei passar esse período essencial de estágio probatório em meio a uma pandemia, quando todos os processos esperados aconteceriam ao vivo, olhando nos olhos das pessoas (colegas de trabalho e licenciandos), e passaram a acontecer (ou não) em meio virtual.

Venho seguindo nesse aprendizado de docência em meio ao distanciamento social causado pelo coronavírus. No meu caso, o 360º foi na mudança de emprego, e a reviravolta também veio pela pandemia. Nem sei dizer se é reviravolta, revoada, revirada, mas sei que representam mudança de uma ideia pré-estabelecida de que os começos acontecem de um modo específico, dadas minhas experiências anteriores com relação à formação de professores em estágio probatório na SEMED.

Às vezes, penso que o ensino remoto facilitou alguns momentos serem mais reais, por exemplo, o ciclo na roda do VIDAR, os estudos nas tardes de terças, o encontro com Foucault bem indicado pela Mônica Costa. A reviravolta em minha vida segue da mudança de emprego a mudança nas perspectivas de ver o mundo, mas, principalmente, de me ver como professora e mulher. Posso dizer que a pandemia veio como aquele tavão de Sócrates cujo agulhão nos mobilizou ao olhar para nós mesmas (Foucault, 2010).

Nos estudos do cuidado de si em Foucault, muitas vezes, deparo-me com várias versões da professora que sou e venho me construindo, por vezes, ainda muito positivista. Ocorre sobretudo quando penso na organização da disciplina e tento deixar tudo tão delineado para que não haja espaço para erro (erro mesmo em sua pior interpretação). Assim são também as brechas de um trabalho coletivo, mais colaborativo e criativo coexistem em mim nesse professorar... Busco esses novos ares em meio a tantos controles (internos e externos) e encontro brechas para fazer-me numa docência outra.

Assim, em pandemia ou não, em ensino remoto ou presencial, nosso olhar se volta a esse professorar inventivo e cheio de nós mesmas. “Tornamo-nos o que nunca fomos” (Foucault, 2010, p. 87). Por aqui, sigo aprendendo muito com vocês. Saudades de estarmos juntas (sem pandemia) e de tomarmos aquele cafezinho bem gostoso,

Beijos,

Monica Aikawa

Terça, Mar 4, 12:10 PM

From cartasdoprofessorar@gmail.com to Monica, Monica, Carol

Olá, meninas,

Que alegria conversar com vocês!

Por aqui, seguimos, dias melhores e dias mais difíceis. Chegamos da viagem de férias meio sem saber o que estava acontecendo. O mundo só falava de coronavírus, o que até então parecia algo muito distante, muito do mundo de lá. Restava-me, enfim, fazer uma prece para aquele povo.

De repente, o perigo foi se aproximando do nosso país, do nosso estado, do nosso bairro, de nossa rua... Lembro que a programação do entardecer dos nossos dias era acompanhar os números da Fundação de Vigilância Sanitária e os telejornais. Era desesperador ouvir tudo aqui, mas queria sentir aqueles acontecimentos na memória, no corpo, no pulsar do coração. Canevacci descreve (2013, p. 20) “Há momentos disjuntivos na vida de cada um, momentos nos quais se começa a perceber – antes mesmo de compreender conscientemente – que as referências teóricas, políticas, afetivas, de amizade, em resumo, tudo o que gira em torno do conhecido, do experimentado, do autocontrole, pouco a pouco começa a se desfiar, a se adelgaçar, a evaporar”.

Lembro perfeitamente do último dia que saí sem máscara, fui ao supermercado e me senti vulnerável, perdida, ameaçada, em risco. Muitos já usavam a proteção. Parecia que eu ainda não tinha entendido a dimensão daquele momento histórico. De repente, tudo escorria de minhas mãos, dos meus olhos: como seria dali em diante? Instabilidade era a palavra de ordem. Entrei no carro e comecei uma corrida frenética por máscaras, por proteção àqueles que amo, àqueles que por mim passavam e, acima de tudo, à vida. “Como um conta-gotas. Pacientemente. Com persistência” (Carvalho, 2015, p. 9).

Procurei focar nas coisas singulares da vida, cuidar das crianças e construir um cotidiano infantil dentro de quatro paredes. Nossos dias eram povoados por leituras, filmes, desenhos,



pinturas e bolhas de sabão. Pelo *WhatsApp*, recebíamos livros e atividades, além de procurarmos experimentar coisas. Estávamos isolados em casa sem uma preparação inicial para acumular suprimentos para aquele período, tal qual numa guerra.

Sem brinquedos nas datas comemorativas, sem abraços dos avós, sem colo dos tios, sem amigos e professores da escola. A infância teve um outro sentido, a felicidade estava no mundo interior, em termos um ao outro, em cuidarmos de nós e ocuparmo-nos com aquilo que poderíamos construir em termos de afeto, virtudes, valores, sentimentos. Como nos lembra Carvalho (2015, p. 15) “mas nem tudo era tragédia; havia também a alegria das pequenas descobertas”.

O nosso respiro era brincarmos, todos de máscara, na rua durante o entardecer. Um respirar limitado, mas possível. Nosso horário era sempre diferente das demais crianças, era mais aconselhado manter o distanciamento “absoluto”. Lembro-me de fazer o coronavírus em massa de modelar para ilustrar para as crianças, dentro do universo delas, o que estava acontecendo.

No professorar, seria tempo de muitas expectativas. Atuava como coordenadora do curso de Pedagogia Regular e, mesmo prestes a deixar esse cargo, realizava atividades como acolhida aos calouros e finalizava projetos que me enchiam a alma de alegria. Mas eu também precisava dar respostas e encaminhamentos, bem como acolher virtualmente professores e estudantes. Tudo acontecia por mensagem, telefone ou *e-mail*. Era minha primeira experiência como tutora de uma professora recém-concursada na universidade. Havia planos, desejos e interesses em realizar, publicar, aprender, participar. Tudo foi colocado em suspenso, e acabamos por ficar com o que que era possível no momento.

Lembro-me do cheiro dos cafés na cantina na universidade. O aroma que perfumava as amizades, as boas conversas com muitas risadas, os comentários sobre os textos e livros lidos, assim como os eventos dos quais participávamos. Agora era tempo de outras aproximações. É que a vida às vezes pede pausas e recomeços. É prudente ser sensível à força dos acontecimentos e com eles reaprender a viver e ser feliz diante do que temos e somos. “Narrar a vida é reinventá-la, é produzir novos sentidos, é reatualizar, em novo contexto, as marcas inscritas em nosso corpo, em nossa história” (Pérez, 2003, p. 112).

Saudades,

Mônica.

Qua, Abr 18, 12:59 PM

From maikawa@uea.edu.br to me, Monica

Oi, meninas!

Sempre bom receber as cartas de vocês, pois vejo que não estou só na caminhada de ser professora em pandemia, nesse ser mulher e ser eu mesma em meio a tanto.

Sim, Carol. Mais que em outros tempos a morte tem sido vista, vivida e sentida vária e diariamente. Vida-morte, morte-vida... O que morreu para haver vida? O que viveu para haver morte? Nessa díade, acordava todos os dias pensando: quem será o próximo? Nos momentos mais críticos da crise de saúde pela COVID-19, as redes sociais e os aplicativos de mensagens eram repletos de comunicados de falecimentos, convite para missas de sétimo dia *online*, homenagens póstumas... Muita morte rodeando a vida. Optei por nem acessar essas redes.

Valas coletivas, câmaras frigoríficas em hospitais, limite de pessoas em cortejos e sepultamentos, falta de urnas funerárias e ausência de velórios. Essas eram as notícias veiculadas nas redes de televisão e sites de notícias, o que levava a pensar no quão doloroso foi o rito de despedida nesse momento de pandemia. Conseguia pensar apenas que não sofreria desse modo pelos meus pais, dado que já se encontram na morada eterna. Ainda assim, sentia pelos amigos e familiares. Sem dizer das chacotas superiores: “gripezinha”, “cloroquina”, “kit-COVID”. Em meio a tantas tragédias, precisamos de um pouco de luz.

Doença, morte, contaminação, escola, ensino, universidade. Ensino remoto, trabalho remoto, consulta virtual, todos presos em casa e em telas. Tudo isso se mistura de tal modo que, em certos momentos, a prisão era o que me vinha à mente. Uma prisão para preservação da saúde física, para a preservação da vida. Uma “detestável solução da qual não se pode abrir mão” (Foucault, 1987). Dividiam-se pessoas entre saudáveis e não saudáveis, domesticavam-se corpos com máscaras, higienização constante e distanciamento social.

Em fuga dessas notícias – como se elas fossem desaparecer –, refugiava-me nos *streamings* de séries e filmes. Pouco adiantava, pois, os títulos envolviam pandemias, endemias,



invasão de zumbis, fim do mundo, entre outras coisas relacionadas. Não dava muito certo, então saía de carro com meu esposo para vermos outras paisagens e aliviar a mente outras cenas. Mas a paisagem era, a um só tempo, triste com as ruas sem as pessoas, e feliz com a natureza reinando em seus sons e movimentos. A música de Adriana Calcanhoto se encaixava como nunca: *Pela janela do quarto / Pela janela do carro/ Pela tela, pela janela/ Quem é ela, quem é ela? / Eu vejo tudo enquadrado / Remoto controle.*

Os professores, nós professores, orquestrando as aulas em plataformas virtuais de aprendizagem, gravando aulas, produzindo vídeos, criando chamadas de divulgação de *lives webinars*, movimentando plataformas de reuniões online, (re)planejando as aulas para um local pouco habitado, o ciberespaço. Nós víamos nossos estudantes ou mesmo os conhecíamos apenas pelo pequeno círculo com sua foto e o som de sua voz ao ligar o áudio da plataforma de reunião *online*. E pensava no não atendimento a todos da turma pois a qualidade do sinal de internet não era boa. Muitos não possuíam *wifi*, apenas 4G. Observava-os entrarem e saírem da sala de reunião *online*, mas nada podia fazer, além de gravar. Gravamos e gravamos tanto que excedi a capacidade de armazenamento da nuvem.

Na experiência com as disciplinas de “Estágio I, II e III”, transitamos cronologicamente nos momentos mais críticos da pandemia. Começamos a ir para campo em uma semana e na seguinte os órgãos de saúde fecharam as escolas. Retomamos, após alguns meses, com as aulas remotas e retomamos o plano de ensino em busca de um alinhamento com a prática pedagógica da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental ao momento em pandemia. Os licenciandos da Pedagogia foram incluídos nos grupos de *whatsapp* das escolas e por lá acompanhavam os movimentos pedagógicos com as crianças pequenas. Assistiam ainda às aulas do “Projeto Aula em Casa” como outra forma de ver uma professora em atuação e participavam de *lives* com docentes das diversas áreas das redes públicas de ensino. E sua atuação pedagógica, prevista como lugar de avaliação e vivência, foi pensada e planejada para interação digital com criação de conteúdo digital, produção de vídeos, *podcasts* para as crianças.

No “Estágio I”, em especial, por se tratar da educação infantil, foi o mais doloroso, essa ausência do brincar junto, do brincar com a cidade... Ler a carta da Mônica Costa com o brincar na rua como respiro traz uma luz a todo esse momento.

E tal como você diz em sua carta na disciplina “Teoria e Prática da Gestão Escolas e Trabalho Pedagógico”, o corpo estremecia mesmo. A cada reunião virtual, uma lágrima caía, um nó apertava a apertava a garganta. Sinto pela sua perda!

E, em meio a tudo isso, lembro-me da cena do filme “Titanic”. Ao passo que o navio naufragava, os músicos continuavam seu concerto da morte eminente.

Saúde mental! Saúde física! Espiritualidade! Urgências em vida! Universidade! Professorar! Ensino-Pesquisa-Extensão! Insurgências em vida!

Tantas dúvidas, tantas coisas, tantas mortes, tantas vidas... Isso diz um pouco desse viver em pandemia, desse professorar remoto.

Precisamos nos reunir, falar sobre o “Vida em In-Tensões”, retomar o grupo de pesquisa, o projeto de extensão “Hypomnématas”, os PAIC (Programa de Apoio à Iniciação Científica), as orientações. Retomando Fernando Pessoa, precisamos viver! Precisamos navegar! Vamos tomar um café! Precisamos, também! Rs.

Até breve,

Monica Aikawa.

Terça, Mar 4, 12:10 PM

From cartasdoprofessorar@gmail.com to Monica, Monica

Olá, meninas,

Que bom receber notícias de vocês!

Tendo entrado numa realidade de isolamento que parecia não ter fim, as instituições de ensino começam a buscar maneiras de retomar as atividades, e, com isso, o ensino remoto passa a fazer parte da nossa realidade. O fazer docente que antes tinha um suposto espaço apropriado e colocava frente a frente professores-formadores e professores em formação inicial agora necessita se configurar de outros modos. Muitas são as indagações e incertezas desse tempo em que o cumprimento de um calendário acadêmico e escolar é que movimenta os processos formativos na universidade e na escola sobrepondo-se aos cuidados com a vida.

Os desdobramentos do retorno das atividades em modo remoto são desafiadores, pois as condições mínimas para que ele ocorra são negligenciadas. As ações das instituições de



ensino foram muito pontuais e desconectadas da realidade, ficando resumidas à oferta de um *chip* para *smartphones*, na maioria dos casos. Algumas perguntas insistiam em existir: grande parte dos professores em formação inicial possuem telefone próprio e exclusivo para seu uso nos estudos? Possuem eles um espaço para estudar em suas casas? Como poderão participar das aulas, aqueles estudantes que estavam aguardando bolsas de estudos que não saíram e tiveram que conseguir um trabalho para seu sustento? Como seria viver tudo isso no interior da Amazônia, onde vive um povo esquecido pelo poder público e que sem pandemia já vive em realidades duras demais?

Essas e outras questões foram postas em apagamento e a instituição de datas e calendários foram exigindo uma organização para o retorno das atividades. Como nos lembra Larrosa “Não se escreve sobre a experiência, mas a partir dela. O mundo não é somente algo sobre o que falamos, mas algo a partir de que falamos. É a partir daí, a partir do nosso ser-no-mundo, que temos algo para aprender, algo para dizer, algo para contar, algo para escrever” (2018, p. 23).

É preciso contar o que experimentamos, falar das rupturas e desconstruções que permearam o nosso (des)caminho de professorar frente à pandemia. O meu fazer docente foi se reinventado a partir da aquisição de uma estrutura mínima de trabalho em casa, da necessidade do domínio das tecnologias, de formar a outros e a mim no ambiente virtual. Isso mostra que a pandemia é um acontecimento que nos atravessa de maneiras diferentes. Cada um foi atravessado de um modo. Eu, professora de uma universidade pública, tive condições de me isolar e me (re)estruturar para meus afazeres como profissional, mãe, filha, participante de uma igreja, diferentemente de muitos outros. Talvez por esse motivo, tenhamos optado por construir uma escrita por meio de cartas, pois pensamos que ela oferece elementos que dão conta da complexidade que é o professorar juntamente com a vida que vai acontecendo ao longo de todo o caminho. Ropelato e Souza (2007) dizem sobre esse escrever que surge da relação única com o outro, mostrando que é necessário viver quando se escreve.

Por isso, consideramos que escrever dentro dessa perspectiva do cuidado de si traria ao trabalho os ares de vida que os permearam, sendo ele próprio também a extensão desses acontecimentos. Afinal, entendemos o professorar como esse lugar vivo de proliferação de ideias, de buscas, de movimentos, mas também de espera, de devir, de ver, sentir e escrever. “Além disso, as palavras não apenas representam o mundo, mas ainda o abrem. Não são apenas

uma ferramenta, mas, na verdade, um caminho ou uma força. Ou ainda, de outro modo, a linguagem como o tato mais fino” (Larrosa, 2018, p. 23).

O afastamento nos privou de um convívio mais próximo com os colegas, com os estudantes e com os demais servidores da universidade. Deixamos de vivenciar a rotina de ir à biblioteca, de encontrar as pessoas e termos conversas animadas nos corredores ou de tomar um café no fim de tarde. Não soubemos mais o que era encontrar, realizar e participar de eventos acadêmicos, abraçar e sermos abraçados no início das reuniões. Tudo agora se resolvia na tela de um celular que também não estava preparado para suportar um número tão grande de informações e vivia com memória cheia.

Nossas experiências foram outras e marcaram nossos corpos de professoras-formadoras. Iniciamos aquelas leituras que estavam adiadas por meses pelo volume de trabalho; buscamos aprofundar nossos conhecimentos com participação em eventos on-line com professores de todo o Brasil e exterior; organizamos orientações considerando as singularidades de cada orientando. Foi nesse movimento de vida pulsante em todas as direções que nos desafiamos. “Como não sabemos antecipadamente com que corpo podemos fazer um bom encontro, é necessário experimentar. Buscar inspiração em outros lugares, coisas e objetos para mobilizar a diferença e agenciar devires que produzam alegrias em um currículo e em uma vida” (Paraíso, 2015, p. 52-3).

A vida seguiu rompendo brechas numa realidade pandêmica que parecia apenas ser cenário de morte, no qual uma ligação fez brotar um riso incontido e lágrimas que foram a expressão da ausência das palavras. O inesperado nos apanhou e aquele contato telefônico me dava a possibilidade de ser mãe de três, de ter mais uma filha por meio da adoção. As coisas caçam jeito para existir e uma vida nova chegou para mim. E a paralisia/estranhamento que a pandemia provocou deu lugar a todo um movimento de criar vínculos com um bebê, o que exigiu de mim cuidar, olhar, conviver, abraçar, sonhar, pois aquela filha que nascia aos nove meses para nossa família. E ela veio. Nós nascemos no dia 17 de outubro de 2021, numa manhã ensolarada quando nossos olhos e nossa pele se encontraram pela primeira vez para inventarmos juntas uma maternidade única e múltipla ao mesmo tempo. Uma maternidade que preenche e esvazia de uma forma que não sei dizer. Araújo traduz no poema “O amor começa”:
“Nada na vida é seguro, eterno, definitivo / Nem a vida o é, por que o amor seria? / O amor acaba. (...) / O amor também começa, lembro-lhe eu” (2004, p. 42).



Com alegria e esperança digo um até breve

Mônica.

3 MURMÚRIOS QUE ECOARAM NAS CARTAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A escuridão não é algo que remove a vida. Não é preciso, entretanto, temê-la. Não é reduzida à ideia de oposição, tampouco à de morte. A própria ideia de escuro e morte é habitada por uma nova luz que traz o amanhecer de outras diversas e infinitas ideias que nascem e trazem à vida a um existir diferente. A pandemia foi escuridão, noite, morte que habita a vida de uma forma indizível. Todavia, existe muita vida nessa existência que o escuro traz. Algo que Thiago de Mello diz: “amanhã é um novo dia. Esse amanhã chega, todos os dias, de tantas formas que circunda o que já se tem, e alguns desses amanhãs inesperados nos tiram do círculo de ideias pré-estabelecidas, estremecendo as fixações de ser professora, mãe, mulher... Esses dias são convites para escapar de doutrinas, seguindo uma outra “ordem do discurso”, “própria a um período particular” (Revel, 2002, p. 37), marcada por acontecimentos coletivos:

De qualquer maneira, tanto os diários pessoais quanto as cartas não se fecham em si mesmos. Elas são um convite a pensar não apenas sobre si, mas também sobre os outros. As duas formas de escritas são feitas de fragmentos do que se vê, do que se ouve, do que se lê – são escritas feitas de outras escritas. Escritas que produzem outras escritas e outras formas de pensamento (Loponte, 2006, p. 298).

Assim foi enviada a primeira carta do professorar. O espanto e a leveza pairaram quando nos deparamos aquele e-mail, deslocamentos resultantes do descolamento do previsto para o instante. Deslocar pensamentos de um professorar que era convidado a parar e dizer sobre si. A pensar e sentir o Si que se posicionava frente aos embates de um professorar do Ensino Superior que constroem tantas certezas a partir de um poder do saber acadêmico. Mas, atravessados pela pandemia, tivemos que abandonar as certezas que estávamos habituados a ter, para atrevermo-nos a sair do cais e ficar à deriva: com a troca das utilidades da vida pelo olhar as inutilidades do cotidiano; abrir fissuras em processos didáticos tão enrijecidos, como uma

forma habitual de controle da relação entre professor e acadêmicos em sala de aula; reconhecer a impermanência, o incontrolável, a VIDA.

Diante disto, podemos dizer que os deslocamentos ecoaram na troca das cartas e levantaram a potência que é a escrita epistolar em meio ao professorar, pois possibilita a partilha de saberes e conhecimentos, os encontros com o outro e consigo, bem como a conversa que aproxima e minimiza a saudade. “O cuidado de si está atravessado pela presença do Outro: o outro como diretor de existência, o outro como correspondente a quem escrevemos e diante de quem nos medimos, o outro como amigo que socorre, parente benfeitor” (Gros, 2004, p. 507).

No fortalecimento do encontro, se potencializa a rasgadura, a constituição de um outro modo de habitar a vida, as posições que vivemos, os lugares que ocupamos, constituindo uma prática de si de quem professa um discurso da diferença e mobiliza a existência desse professorar que vibra na potência da vida, em uma ética da existência. É que “o processo de subjetivação é a produção de novas possibilidades de existência e de certos estilos de vida, é a produção da existência como arte” (Campos; Chaves, 2016, p. 172). Que possamos produzir murmúrios professorais que sobrevivam e encontrar espaços nas cartas para o devir.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS. **Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas**. 2021. Disponível em: www.fvs.am.gov.br. Acesso em: 10 mar. 2022.

ARAÚJO, Alcione. **Urgente é a vida**: crônicas. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARBOSA, A. M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA, R. L. N. F. F. Aulas presenciais em tempos de pandemia: Relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Rev. Augustus**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, p. 255-280. jul./out. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/565>. Acesso em: 03 fev. 2021.

BERTO, Danila Faria. **À beira do abismo**: entre literatura e escrita de si em Clarice Lispector. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências: Marília, 2019. 167 p.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 fev. 2021.

CAMPOS, Joana D'arc Chaves de; CHAVES, Sílvia N. Narrart: autobiografia de formação. In: CANEVACCI, Massimo. **Sincrétika**: explorações etnográficas sobre artes contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, 2013.



CARVALHO, Ana Carolina. A conta-gotas. São Paulo: Edições SM, 2015. (Barco a Vapor /Série Vermelha)

CHAVES, S.N.; BRITO, M.R. (Orgs.). **FOCAR: Formação, Ciência e Arte**. Autobiografia, arte e ciência na docência. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

CHAVES, Sílvia. Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiográfica. In: FEITOSA, Raphael Alves; SILVA, Solonildo Almeida da (Orgs.) **Metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p.45-68.

DALMASO, Alice Copetti; RIGUEL, Fernanda Monteiro. Estar vivo: aprender. In: **Criar Educação**, Criciúma, v. 9, n. 3, ago/dez. 2020.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.117-140.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In.: _____. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos e escritos – V. (p. 144-162).

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GROS, F. Situação do curso. In: FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 613-661.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. The difference between emergency remote teaching and online learning. **Educause Review**, Washington, 27 mar. 2020.
<https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 07 fev. 2021.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor**. Tradução Cristina Antunes. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1998.

LOPONTE, Luciana G. Escrita de si e docência em arte: o privado e o público na formação de professoras. Disponível em:
http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2022/educacao_e_comunicacao/Mesa_Rondonda/12_46_33_mhttp://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20%28pdf%29%20%28rev%257-301.pdf. Acesso em: 06 de agosto de 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Universidade Federal de Pernambuco. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Um currículo entre formas e forças. Educação, Porto Alegre, **Impresso**, v. 38, n. 1, pp. 49-58, jan.-abr. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18443> Acesso em: 05.05.2021

PÉREZ, C. L.V. Cotidiano: história(s), memória e narrativa. Uma experiência de formação continuada de professores alfabetizadoras. In: GARCIA, R. L. **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Tradução de Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

ROPELATO, Carla Clauber da Silva; SOUZA, Roselete Fagundes Aviz de. Escrita de si: um ponto na linha do avesso. In: PRADO, G.do.V.T; SOLIGO, R (Orgs.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões e superações. Campinas – SP: Alínea, 2007. p. 83-92

SANTOS, B. de S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, E. dos; LIMA, I. de S.; SOUSA, N. J. de. “Da noite para o dia” o ensino remoto: (re)invenções de professores durante a pandemia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 16, p. 1632-1648, Edição Especial, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9178>. Acesso em: 01 fev. 2021.

SILVA, E.Q. Ideário da morte no Ocidente: a bioética em uma perspectiva antropológica crítica. **Revista bioética**, n. 27 (1), 2019.

VAZ, T. Docência em deriva: atravessamentos de um ‘devir professor’. In: IX ANPED SUL, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1243/790> Acesso em: 10 fev. 2021.

VAZ, T. Como libertar-se do bom professor? Aprendizagens por espreitas, interrogações e encontros. **Revista ClimaCom, Coexistências e Cocriações**. ano 8, n. 20, 2021. Disponível em: <como-libertar-se-TAMIRIS.pdf> (mudancasclimaticas.net.br). Acesso em: 23 jan. 2022.

ZANI, Tina. A poesia na ação poética de escrita de cartas. In: **Linha mestra**, n. 36, pp.116-9, 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM e da Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

COMO CITAR - ABNT

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; AIKAWA, Mônica Silva; COSTA, Mônica de Oliveira. *Murmúrios Epistolares de um Professor que ensina Ciências em tempos de COVID-19*. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 23, n. 37, e24011, jan./jul., 2024. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v23.n37.3768>



COMO CITAR - APA

Oliveira, C. B. de; Aikawa, M. S.; Costa, M. de O. (2024). *Murmúrios Epistolares de um Professor que ensina Ciências em tempos de COVID-19*. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 23(37), e24011. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v23.n37.3768>

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)) . Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 10 de março de 2024.

Aprovado: 27 de maio de 2024.

Publicado: 01 de julho de 2024.
